

A CARAPUÇA DA DISCÓRDIA: UMA ANÁLISE DOS DISCURSOS QUE EMANAM DE UM GESTO PRESIDENCIAL*

Inês Staub Araldi**

Resumo: No dia 2 de julho de 2003, o Presidente da República Luís Inácio Lula da Silva recebeu em audiência os líderes do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra e, em clima de camaradagem, posou para fotografia com um boné do MST na cabeça. Tal acontecimento produziu discursos cujos sentidos não estão nas palavras empregadas, mas nas condições de produção que as originaram, as quais são analisadas neste artigo através dos recursos da Análise do Discurso.

Palavras-chave: sentido; discurso; condições de produção; sujeito; ideologia.

1 INTRODUÇÃO

A Análise do Discurso (ou AD, como também é conhecida) parte do pressuposto de que a língua não pode ser estudada desvinculadamente de suas condições de produção, uma vez que os processos que a constituem são histórico-sociais. Ou seja, a língua tem toda uma historicidade a ser considerada, uma vez que é inegável a sua transformação ao longo do tempo, seja porque carrega consigo as influências dos processos de colonização e miscigenação, ou simplesmente por ser um mecanismo vivo que passa por mutações permanentes; da mesma forma que só se realiza na interação entre seus usuários, ou seja, no social.

Em um quadro teórico que pretende aliar o lingüístico ao sócio-histórico, dois conceitos são fundamentais para AD: o de *ideologia*, seguindo os preceitos de Althusser – e o de *discurso* – com influências da obra *Arqueologia do Saber*, de Foucault. A ideologia é considerada fundamental por enquadrar o

* Artigo produzido na conclusão da disciplina de Análise do Discurso, sob orientação da Dra. Solange Maria Leda Gallo. O título faz uma alusão ao termo que emprega Alexandre Mansur, em reportagem na revista *Época*, na edição de 7 de julho de 2003.

** Professora da Rede Estadual de Santa Catarina (Secretaria do Estado da Educação/SC). Mestre em Ciências da Linguagem. E-mail: <inessaraldi@yahoo.com.br>.

discurso do indivíduo em um conjunto de crenças cujo valor de verdade dependerá da posição de sua enunciação, bem como do contexto histórico e social relacionado. Já o discurso é o lugar social de inscrição da enunciação do sujeito, que tem materialidade histórica e ideológica. Ideologia e discurso não podem ser dissociados, pois a primeira não se manifesta sem o segundo, assim como o discurso é naturalmente ideológico.

Tendo por base as discussões e teorias da AD, o presente artigo objetiva relatar uma análise de alguns textos da imprensa relativos a uma ação do presidente brasileiro, Luís Inácio Lula da Silva. No dia 2 de julho de 2003, o Presidente da República recebeu em audiência os líderes do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra e, em clima de camaradagem, posou para fotografia com um boné do MST na cabeça. Tal acontecimento produziu discursos cujos sentidos não estão nas palavras empregadas, mas nas condições de produção que as originaram, as quais são analisadas neste artigo.

2 O SIGNIFICADO DEPENDE DE QUEM E DE ONDE SE ENUNCIA

É imprescindível levar em consideração de onde o sujeito do discurso enuncia, qual sua função no ato da enunciação, em que condições este discurso foi produzido. Estas são questões relevantes, uma vez que determinantes de significado. Segundo Orlandi,

O sentido não existe em si, mas é determinado pelas posições ideológicas colocadas em jogo no processo sócio-histórico em que as palavras são produzidas. As palavras mudam de sentido segundo as posições daqueles que as empregam. Elas “tiram” seu sentido dessas posições, isto é, em relação às formações ideológicas nas quais essas posições se inscrevem. (1999, p. 42-43. Aspas no original)

Os sentidos são regulados socialmente, de modo que a mesma expressão ou gesto produz sentidos diferentes, segundo quem enuncia e/ou a posição que ocupa, uma vez que o sentido não se depreende da materialidade discursiva,

mas de uma série de relações a serem estabelecidas entre o enunciado, seu enunciador e o amplo contexto que envolve a enunciação.

Desse modo, a AD pode oferecer importantes contribuições na busca do entendimento da polêmica ocasionada pelo gesto do Presidente da República Luiz Inácio Lula da Silva, que, ao receber líderes do MST no dia 2 de julho de 2003, usa um boné do movimento. Na ocasião, as palavras proferidas por Lula, se é que houve, não foram mencionadas pela imprensa, mas um gesto tão comum a milhões de pessoas também comuns desencadeou leituras das quais podem ser depreendidas questões importantes: a comunicação não envolve somente a língua e sua estrutura; a posição do sujeito da enunciação, ou seja, sua ocupação, cargo ou função influencia na atribuição de significado; a memória faz associações entre a comunicação e sua história, produzindo sentidos.

Tratando-se de personalidade em evidência, o gesto do Presidente Lula suscita discursos que podem ser mais bem compreendidos se analisados sob a ótica de dois conceitos básicos para a AD: a *forma sujeito*, que é a posição da qual o sujeito diz, ou seja, se está falando como *profissional*, como ocupante de *cargo*, de um *lugar* reconhecível (pai, irmão, amigo...), grau de instrução, formação religiosa, etc. E a *posição sujeito*, que consiste na escolha possível entre esta ou aquela forma de comunicar, selecionando este ou aquele argumento, no interior de uma determinada formação discursiva.

Ao esboçar o gesto de aceitar e usar o boné, Lula o fez na condição de Presidente da República, em ato oficial, recebendo uma comissão de líderes do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra. A forma sujeito ocupada por ele naquele instante é a de Chefe de Estado, representante dos atos oficiais do governo brasileiro. Já a posição sujeito é mais subjetiva, e gerou a polêmica. Em um contexto político onde alianças definem resultados, cores são definições de filiação partidária e os discursos são cuidadosamente ensaiados, um simples gesto pode representar favorecimentos e simpatias.

No caso em questão, a imprensa tomou a atitude do presidente como uma manifestação favorável ao movimento. Tal entendimento gerou discursos como: a) “*Lula dedicou-se a trabalhar contra o próprio governo*” (Editorial do jornal O Globo); b) “*Impossível não entender o gesto do presidente como uma descabida declaração de simpatia ao movimento*” (Editorial da Folha

A carapuça da discórdia:...

de São Paulo); e c) “*A Carapuça da Discórdia*” (Revista *Época*, 07 de julho de 2003, p. 35). “*Está na hora de o presidente se convencer finalmente de que deve levar mais em conta aquilo que o ex-presidente José Sarney chamava de “liturgia do cargo”*” (Revista *Veja*, 09 de julho de 2003).”



Foto: Agência Brasil



Revista *Época*, 7 jul. 2003, p. 35.

3 A IMPORTÂNCIA DO PRÉ-CONSTRUÍDO

Os enunciados destacados na seção anterior encontram significação plausível, uma vez que estão na memória social dos jornalistas e dos expectadores que acompanharam o gesto através dos meios de comunicação, e suscitam certos sentidos. Esses sentidos compõem o que, em Análise do Discurso, entende-se por “pré-construído”:

O pré-constituído constitui, segundo Pêcheux (1988, p. 99) um dos pontos fundamentais da articulação da teoria dos discursos com a lingüística. Introduzido por Henry (1975), o termo designa aquilo que remete a uma construção anterior e exterior, independente, por oposição ao que é “construído” pelo enunciado. É o elemento que irrompe na superfície discursiva como se estivesse já-aí.

Significa dizer que as condições de interpretação do lingüístico, da parte do discurso que se materializou pelo enunciado, só é possível na medida em que as construções anteriores a ele forem consideradas, entre outras: *Onde tal gesto e/ou discurso já se manifestou? Quem o fez? A quem ou a que alude? Que condições sócio-históricas o acompanham?*

Em nosso caso exemplar, pode-se dizer que pelo menos duas conjunturas anteriores e exteriores ao acontecimento foram convocadas para a atribuição de sentido ao gesto presidencial: uma evoca o passado de um homem que ganhou destaque nacional como sindicalista atuante, que organizava greves e incitava trabalhadores a lutar por seus direitos. O mesmo homem fundou e militou em um partido político de esquerda radical, comprometido com movimentos sociais, cujo discurso – do homem e do partido – foi assumindo tom mais ameno, chegando ao “Lula Paz e Amor” que elegeu o atual presidente do Brasil. Vale lembrar que o apoio aos movimentos sociais organizados em defesa dos menos favorecidos foi bandeira prioritária nas campanhas à presidência, inclusive a Reforma Agrária, principal reivindicação do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra - MST.

A outra construção anterior é a controvertida luta do MST por terras para assentamento das famílias que integram o movimento. Sua principal forma de pressionar as autoridades, as ocupações de terras consideradas improdutivas, suscita discussões acerca do direito de propriedade, pairando no ar a insurreição à ordem. Os conflitos armados ocorridos durante algumas invasões, a ocupação de prédios públicos e as manifestações tumultuadas, contribuem para uma imagem negativa do Movimento cujos representantes o presidente recebeu com *direito a boné e biscoitinhos*, conforme Época (7. jul. 2003).

Ao aceitar o boné que lhe foi oferecido, colocando-o sobre a cabeça, Lula reacendeu um antigo receio capitalista: o de que sua simpatia pelos menos favorecidos favorecesse o desrespeito às leis, principalmente àquelas que protegem a propriedade. Neste caso, não foi o objeto em si, mas as memórias despertas por sua simbologia, que provocaram a reação.

4 O ASSUJEITAMENTO

Quando nasce, o indivíduo encontra a sua disposição um sistema de comunicação estruturado e em constante desenvolvimento, do qual se apropria e com o qual interage. As primeiras articulações são palavras desconexas, rapidamente corrigidas pelo adulto mais próximo. Quer dizer, ele não inventa um código lingüístico para sua comunicação: apropria-se de um código já

existente para, através dele, estabelecer comunicação com as pessoas e o meio que o cerca. Depara-se também com valores éticos e morais, crenças pessoais e religiosas, ideologias, etc. Tais condições não são estáticas e separadas, coexistem agregando novas crenças e valores, fazendo com que o discurso seja naturalmente polifônico, ou seja, constituído de várias vozes que já o enunciaram em outra situação.

A opção por esta ou aquela forma discursiva se dá pela identificação ideológica do indivíduo com determinado sentido, podendo-se dizer que

toda ideologia tem por função constituir indivíduos concretos em sujeitos. Neste processo de constituição, a interpelação e o (re)conhecimento exercem papel importante no funcionamento de toda ideologia, funcionando nos rituais materiais da vida cotidiana, opera a transformação dos indivíduos em sujeitos. O reconhecimento se dá no momento em que o sujeito se insere, a si mesmo e as suas ações, em práticas reguladas pelos aparelhos ideológicos. Como categoria constitutiva da ideologia, será somente através do sujeito e no sujeito que a existência da ideologia será possível (ALTHUSSER, *apud* BRANDÃO, 1994, p. 23).

O indivíduo, embora tenha a ilusão de autonomia discursiva, submete-se livremente às condições de produção a que está sujeito, inserindo a si mesmo a seu discurso em determinada prática ideológica. Sujeito e ideologia formam um par inseparável, pois este tem sua posição enunciada e reconhecida por aquela, ao mesmo tempo em que a ideologia precisa do sujeito para manifestar-se e continuar seu movimento. Em *Análise do Discurso*, o processo pelo qual o indivíduo reconhece e aceita o pré-construído como sendo seu sentido, chama-se *assujeitamento*, o qual é condição necessária para que o indivíduo torne-se sujeito.

Na trajetória histórica do sindicalista que se tornou presidente, vários discursos foram incorporados, fazendo parte da memória discursiva, de tal forma que, quando evocados, são inerentes a seu enunciador, de modo a não causar estranhamento. Por outro lado, a posição de Presidente da República também produziu discursos anteriores, nos quais são reconhecidos a condição de Chefe de Estado e todo o cerimonial característico da função.

A forma sujeito Presidente da República insere-se em uma formação discursiva que reconhece na figura do chefe de estado o representante de toda nação, de modo que exercer esse cargo pressupõe uma certa identificação entre o sujeito que se candidata à função, e o conjunto de valores e ideologias amalgamados ao cargo em questão.

No momento em que o Presidente da República, vestindo um terno italiano muito bem cortado, adequado a sua condição de representante maior da nação, põe sobre a cabeça um boné do MST, próprio para ser usado nas longas peregrinações dos Sem Terra, produz uma ruptura, um deslocamento de sentido, por juntar em uma só imagem duas *formas-sujeito* distintamente construídas na memória do povo brasileiro: a do presidente (alinhado, austero e cerimonioso) e a do sem-terra (de jeans e camiseta, e, naturalmente, com boné).

Ideologicamente constituída, no sentido marxista do termo, a posição de Chefe de Estado carrega consigo a historicidade dos imperadores e dos generais. A ela foram incorporados, mais do que discursos, manuais de conduta cristalizados na forma de protocolos cerimoniosos e inquestionáveis, sendo esses repetidos e reverenciados há séculos.

O torneiro-mecânico, habituado ao jeans e à camiseta, chegou a presidente da república após várias campanhas políticas muito disputadas, sendo seguidamente derrotado por um argumento questionável: Lula não estaria *pronto* a ocupar o cargo. Este *pronto*, evidentemente subjetivo e de difícil definição, aparentemente se refere a um preparo intelectual onde a habilidade de conduzir cerimoniais adquire peso significativo. Receber líderes de movimentos sociais, anteriormente tarefa que requisitava somente simpatias, assume proporções de cerimônia oficial acompanhada pela imprensa e a espontaneidade com que o presidente conduz certas cerimônias oficiais tem suscitado estranhamento, de modo que a imprensa noticia que “*Lula improvisa demais em discursos e confraternizações. Nessas ocasiões, seu índice de desastres tem sido alto*” (Revista *Veja*, 9 jul. 2003).

Tendo seu passado recentemente evocado, ora por ele próprio e seus partidários como forma de conquistar simpatias, ora por seus opositores com o intuito contrário, o gesto de Lula não teve o benefício do esquecimento do interdiscurso. A significação atribuída carrega consigo a historicidade de uma luta controversa, abrindo espaço para a emergência do diferente e da

multiplicidade de sentido. A estrutura vigente estava rompida e um novo processo discursivo, instaurado. Tal situação é um fenômeno conhecido como *polissemia* (para AD), por provocar um deslizamento entre o sentido original – *qualquer um pode usar boné impunemente* – e o sentido atribuído à situação em particular – *menos o presidente, ainda mais sendo de movimento social*.

A reação da mídia representa uma parte da opinião pública, a outra parte pode ser influenciada pelas notícias veiculadas. É preciso neutralizar o impacto causado pelo gesto espontâneo e preservar a forma-sujeito anterior – do presidente, é claro, uma vez que esta é a condição de Lula, no momento. Assim como a posição de presidente da república é legitimada socialmente, outras tantas como a de empresário, economista, metalúrgico, latifundiário, sem-terra e enfim, uma inumerável série de outras tantas, também o são. Tal fato possibilita traçar estratégias de discurso. Conforme Brandão (1994, p. 36) destaca,

No discurso, as relações entre estes lugares, objetivamente definíveis, acham-se representadas por uma série de “formações imaginárias” que designam o lugar que destinador e destinatário atribuem a si mesmo e ao outro. Desta forma, em todo processo discursivo, o emissor pode antecipar as representações do receptor e, de acordo com esta antecipação do “imaginário” do outro, fundar estratégias de discurso.

Considerando que o impacto negativo havia sido causado pelo estranhamento da conduta dita pouco cerimoniosa do presidente para com seus visitantes, uma seqüência de gestos similares permite deduzir que Lula e seus assessores recorreram à paráfrase¹ como estratégia de convencimento, com o intuito provável de demonstrar à opinião pública que o presidente é o representante de qualquer bandeira popular, seja ela esportiva, musical, comercial ou reivindicatória. Referimo-nos ao fato de que a partir de um certo momento teve início uma curiosa seqüência de “quebras de protocolo”, onde o boné foi elevado à condição de flâmula. Entre eles, destacamos alguns: Boné da *London School of Economics and Political Science*, em Londres, no dia 15 de julho de 2003; Agasalho completo e boné da delegação brasileira para

¹ O termo paráfrase é empregado aqui parafraseando Orlandi (1999, p.36), que o emprega como representando um retorno aos mesmos espaços de dizer.

os Jogos Pan-Americanos, em 18 de julho de 2003; Boné do Banco do Brasil, no Seminário Sobre Agricultura Familiar, em Concórdia, SC, no dia 24 de julho de 2003. Corroboram a afirmativa, as fotos a seguir.



O presidente, recebendo os atletas que representaram o Brasil nos jogos Pan-Americanos em 17 jul. 2003.

Foto: Agência Brasil



Participação em Seminário sobre agricultura familiar, em Concórdia, SC, em 24 jul. 2003.

Foto: Agência Brasil

A carapuça da discórdia:...

O resultado da estratégia pode ser avaliado pouco mais de dois meses depois. No dia dez de setembro, por ocasião da divulgação do *Brasília Music Festival*, o presidente Luiz Inácio Lula da Silva recebe o vocalista da banda Capital Inicial, Dinho Ouro Preto. Em cobertura à visita, o jornal *A Folha de São Paulo*, edição de 11/09/2003, noticia:

Descontraído, Lula colocou o boné e empunhou a guitarra. “O senhor saiu de metalúrgico para metalero” disse ao presidente o vocalista do Capital Inicial, Dinho Ouro Preto. “Agora todos os pagodeiros, sertanejos e cantores de outros gêneros vão ficar enfurecidos e vão trazer bonés para o senhor usar também”.



Foto: Agência Brasil

Pode-se dizer que, se o estratagema não convenceu, pelo menos descontraíu o clima tenso. De certo modo, o episódio perdia a conotação negativa à princípio, e o destaque na mídia, em seguida.

Quanto à pergunta que todos nos fizemos, por ocasião do fato: – *O presidente estará realmente declarando sua simpatia ao movimento?* – esta fica sem resposta, por enquanto.

Somente após o mandato de Lula, que ainda poderá se reeleger, é que uma análise mais completa será possível, ainda que não definitiva. Como afirma Orlandi (1999, p. 39),

As condições de produção, que constituem os discursos, funcionam de acordo com certos fatores. Uma delas é o que chamamos de relação de sentidos. Segundo esta noção, não há discurso que não se relacione com outros. Em outras palavras, os sentidos resultam de relações: um discurso aponta para outros que o sustentam, assim como para dizeres futuros. Todo discurso é visto como um estado de um processo discursivo mais amplo, contínuo. Não há desse modo, começo absoluto nem ponto final para o discurso. Um dizer tem relação com outros dizeres realizados, imaginados ou possíveis.

Desse modo, as ações efetivas do atual governo em relação aos Sem-Terra é que poderão fornecer elementos para a resposta à pergunta anterior. É o discurso que continua seu movimento e faz do recém enunciado o pré-construído do próximo dizer.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A atribuição de sentidos é uma tarefa que requer algo mais do que o conhecimento da estrutura da língua, ou mesmo da abrangência de seu campo semântico. É necessário analisar para além da seqüência de palavras que formam o enunciado, de modo a abranger as condições de produção e o contexto sócio-histórico que envolve a enunciação, numa tentativa de refazer os passos dos dizeres metaforizados.

Em situações como a analisada neste trabalho, por mais que sejam recolhidos dados, sempre estaremos enfocando um aspecto de realização apenas, dada à impossibilidade de abranger outros que não foram focados. Estamos, mais uma vez, na posição de expectadores que estabelecem verdades suficientes a partir de dados insuficientes, uma vez que a materialidade do

A carapuça da discórdia:...

discurso consiste de apenas parte de sua essência. No entanto, o exercício nos obriga a refletir sobre aspectos antes desconsiderados, e que podem ser da maior importância.

REFERÊNCIAS

BENVENISTE, Émile. **Problemas de Linguística Geral I**. Tradução de Maria da Glória Novak e Luiza Néri; revisão de Issac Nicolau Salum. 3. ed. Campinas, SP: Pontes; Editora da Unicamp, 1991 [1902-1976].

BRANDÃO, Helena H. Nagamine. **Introdução a análise do discurso**. São Paulo: Editora da Unicamp, 1994.

COBERTURA jornalística da agenda presidencial. Disponível em: <www.folha.com.br>. Acesso em 2 dez. 2003.

FOTOS do presidente. Disponível em: <<http://sn-01-radiobras.gov.br/fotos>>. Acesso em 6 dez. 2003.

ORLANDI, Eni Puccinelli. **Análise do discurso: princípios e procedimentos**. Campinas, SP: Pontes, 1999.

PÊCHEUX, Michel, **Semântica e discurso**. Campinas: Unicamp, 1988.

REVISTA ÉPOCA, 7 de jul. 2003.

Recebido em 18/09/04. Aprovado em 07/03/05.

Title: The hood of discord: an analysis of the discourses that emanate from a presidential gesture

Author: Inês Staub Araldi

Abstract: On July 2nd, 2003, the Brazilian President Luís Inácio Lula da Silva received the leaders of the Landless Workers Movement (MST) for an audience, and, in a spirit of camaraderie, allowed himself to be photographed wearing a cap of the MST. This event generated discourses whose meanings are not in the words used, but in the conditions of production that originated them, which will be analyzed in this paper from the perspective of French Discourse Analysis.

Keywords: meaning; discourse; conditions of production; subject; ideology.

Titre: Le Bonnet pointu de la discorde: une analyse des discours qui émanent d'un geste présidentiel

Auteur: Inês Staub Araldi

Résumé: Le 2 Juillet 2003, le Président de la République, Luís Inácio Lula da Silva, recevant en audience les portes-paroles du Mouvement d'Ouvriers Ruraux appelés Sem Terra et, dans un climat convivial, s'est fait faire des photos, coiffé d'une casquette de ce mouvement. Cet événement a entraîné des discours dont les sens ne sont pas dans les mots employés, mais dans les conditions de production qui leur ont donné lieu, lesquelles seront analysées dans cet article, selon les perspectives théoriques de l'Analyse du Discours.

Mots-clés: sens; discours; conditions de production; sujet; idéologie.

Título: "La caperuza" de la desavenencia: un análisis de los discursos que emanan de un gesto presidencial

Autor: Inês Staub Araldi

Resumen: El 02 de julio de 2003, el Presidente de la República Luís Inácio Lula da Silva recibió en audiencia a los líderes del Movimiento de los Trabajadores Rurales llamados Sin Tierra y, en clima de camaradería, se hizo fotografiar con una gorra de dicho movimiento en la cabeza. Tal acontecimiento produjo discursos cuyos sentidos no se encuentran en las palabras empleadas, sino en las condiciones de producción que les dieron origen, las cuales se analizan en este artículo según las perspectivas teóricas del Análisis del Discurso.

Palabras-clave: sentido; discurso; condiciones de producción; sujeto; ideología.